

As Escritas Coreana e Japonesa: Dois Caminhos Tradutórios

Yun Jung Im

Resumo: Por muito tempo, os coreanos e os japoneses tiveram a escrita chinesa como a única forma de documentação, instrução, educação, enfim, da cultura letrada. Visto de outro ângulo, os coreanos e os japoneses, falantes de duas línguas ural-altaicas, eram obrigados a escreverem em outra língua, da família sino-tibetana. É desse descompasso que ambos acabarão por desenvolver as suas próprias escritas tendo como ponto de partida a chinesa, processo no qual são revelados modos diferentes de lidar com essa diferença, dando, inclusive, margem a ricos ensaios em estudos culturais.

Palavras-chave: Alfabeto coreano, silabário japonês, ideograma chinês, tradução.

INTRODUÇÃO

Parto da premissa de que a abordagem da tradução pode ser tão ampla quanto o alcance da imaginação. Assim, proponho considerar as escritas coreana e japonesa como duas formas distintas de tradução tendo como a escrita-fonte a chinesa, uma vez que as duas revelam dois caminhos distintos de trazer a escrita chinesa para sua realidade.

Algumas das características da escrita chinesa já são amplamente conhecidas: que é formada por ideo-gramas, picto-gramas e combinação entre eles (embora em muitos casos tanto os ideogramas quanto os pictogramas possam ser usados basicamente pelo seu valor sonoro); que, por não se tratar de uma representação do som, não há uma tabela de correspondência fonética, exigindo que o leitor conheça a leitura exata dos ideogramas um a um; que é tonal, possuindo 4 tons distintivos.

Por muito tempo, tanto os coreanos quanto os japoneses tiveram essa escrita “importada” como a única forma de documentação, instrução, educação, enfim, da cultura letrada, e é de se esperar que tenha sido exclusividade da classe nobre masculina. Visto de outro ângulo, os coreanos e os japoneses, falantes de duas línguas ural-altaicas, eram obrigados a escrever em outra língua, da família sino-tibetana. É desse descompasso que ambos acabarão por desenvolver as suas próprias escritas tendo como ponto de partida a chinesa, processo no qual são revelados modos diferentes de lidar com essa diferença, dando, inclusive, margem a ricos ensaios em estudos culturais.

A(S) ESCRITA(S) JAPONESA(S)

Figura 1: Hiragana

a	あ	i	い	u	う	e	え	o	お
ka	か	ki	き	ku	く	ke	け	ko	こ
sa	さ	shi	し	su	す	se	せ	so	そ
ta	た	chi	ち	tsu	つ	te	て	to	と
na	な	ni	に	nu	ぬ	ne	ね	no	の
ha	は	hi	ひ	hu	ふ	he	へ	ho	ほ
ma	ま	mi	み	mu	む	me	め	mo	も
ya	や			yu	ゆ			yo	よ
ra	ら	ri	り	ru	る	re	れ	ro	ろ
wa	わ							o	を
n	ん								

Figura 2: Katana

a	ア	i	イ	u	ウ	e	エ	o	オ
ka	カ	ki	キ	ku	ク	ke	ケ	ko	コ
sa	サ	shi	シ	su	ス	se	セ	so	ソ
ta	タ	chi	チ	tsu	ツ	te	テ	to	ト
na	ナ	ni	ニ	nu	ヌ	ne	ネ	no	ノ
ha	ハ	hi	ヒ	hu	フ	he	ヘ	ho	ホ
ma	マ	mi	ミ	mu	ム	me	メ	mo	モ
ya	ヤ			yu	ユ			yo	ヨ
ra	ラ	ri	リ	ru	ル	re	レ	ro	ロ
wa	ワ							o	ヲ
n	ン								

No Japão, os silabários *kana* – o *hiragana* e o *katakana* – desenvolveram-se na era Heian (794-1192) em dois veios bem distintos. O silabário *hiragana* surgiu entre as mulheres da corte proibidas de estudarem a escrita chinesa, e sabe-se que são estilizações simplificadas de alguns ideogramas chineses, selecionados pela semelhança sonora com a sílaba em questão. Assim, a sílaba *la* (*ra*), ら, seria um derivado de 良, que se lê *liáng* em chinês, e a sílaba *ya*, や, seria do ideograma 也, que se lê *yě* em chinês.

O *katakana* por sua vez desenvolveu-se entre os monges com o fim de facilitar a leitura dos sutras. Não cabe aqui um rastreamento histórico de cada

silabário, mas o sistema que veio a se consolidar como a escrita japonesa é uma combinação dos silabários *hiragana*, *katakana*, além dos próprios ideogramas chineses. O silabário *katakana* é utilizado para grafar palavras de origem estrangeira. O *hiragana*, por sua vez, é usado principalmente para as desinências, partículas, sufixos, flexões, verbos de ligação, enfim, os elementos sintático-gramaticais, ficando os ideogramas chineses com o grosso dos elementos lexicais. Resumindo, os ideogramas chineses fazem parte orgânica do texto, desempenhando o papel de peças-chave, enquanto que o *hiragana* funciona como um “cimento” que dá liga a esses elementos lexicais. Seja com palavras grafadas em *katakana* (no caso de palavras estrangeiras), seja com os ideogramas chineses, o *hiragana* cumpre um papel eminentemente extra-lexical, salvo poucos casos de palavras nativas. É uma solução bastante fácil e lógica para uma língua aglutinante e rica em elementos extra-lexicais, quesito em que o chinês é extremamente econômico.

Figura 3: exemplo de um texto japonês



Hangul, o alfabeto coreano

Vokale		ㅏ	ㅑ	ㅓ	ㅕ	ㅗ	ㅛ	ㅜ	ㅠ	ㅡ	ㅣ
		a	ya	ǒ	yeo	o	yo	u	yu	eu	i
Konson.	ㄱ	가	갸	거	겨	고	교	구	규	그	기
	ㄴ	나	냐	너	녀	노	뇨	누	뉴	느	니
	ㄷ	다	댜	더	더	도	됴	두	듀	드	디
	ㄹ	라	랴	러	려	로	료	루	류	르	리
	ㅁ	마	먜	머	며	모	묘	무	뮤	므	미
	ㅂ	바	뵤	버	벼	보	뵤	부	뷰	브	비
	ㅅ	사	샤	서	셔	소	쇼	수	슈	스	시
	ㅇ	아	야	어	여	오	요	우	유	으	이
	ㅈ	자	쟸	저	져	조	죠	주	쥬	즈	지
	ㅊ	차	챤	쳐	쳐	초	쵸	추	츬	츠	치
	ㅋ	카	캬	커	켜	코	쿄	쿠	큐	크	키
	ㅌ	타	탸	터	텨	토	토포	투	튜	트	티
	ㅍ	파	푼	퍼	펴	포	포	푸	퓨	프	피
	ㅎ	하	햐	허	혀	호	효	후	휴	흐	히

Figura 4: Hangul

O *hangul* é provavelmente o único sistema de escrita deliberadamente criado e promulgado por um rei para uso de um povo, por autores e em data precisamente conhecidos. À época da criação, era composto de 11 vogais e 17 consoantes. Hoje, usam-se 10 vogais e 14 consoantes básicas. O seu idealizador foi o Rei Sejon⁸, o Grande (1397~1450), quarto rei da Dinastia Lee, que encomendou a um grupo de estudiosos um sistema capaz de representar os sons coreanos. Desenvolvido ao longo de 3 anos e concluído em 1443, o *hangul* foi promulgado em 1446, sob a denominação “Sons corretos para serem ensinados ao povo”. O resultado foi um alfabeto, fonético, atrasado em vários séculos em relação aos silabários *kana* japoneses.

O documento original do “Sons corretos para serem ensinados ao povo”, o *Hun-min-jôn^g-um*, é um verdadeiro tratado de fonética e ortografia que explica o motivo da criação, os princípios, detalhes de utilização com exemplos de funcionamento do *hangül*, e começa dizendo:

Os sons do nosso idioma diferem dos do chinês, e não podem ser facilmente transmitidos por meio dos ideogramas chineses. Muitos entre os não ilustrados, ainda que desejam expressar seus sentimentos por escrito, não o podem. Compadecendo-me desta situação, idealizei 28 novas letras. Desejo apenas que o povo possa aprendê-las facilmente e usá-las convenientemente na sua vida diária.

Quanto aos caracteres, o *Hun-Min-Jôn^g-Um* esclarece que as letras criadas são hieroglíficas – icônicas, diríamos hoje –, com as consoantes imitando a conformação dos órgãos fonadores ao articular aquele som. As vogais, por sua vez, seriam combinações de três conceitos traduzidos iconicamente: o céu (•), a terra (—) e o homem (|). A adoção de padrões gráficos totalmente diferentes para as vogais e para as consoantes é um fator de grande prestígio do *hangul* entre os lingüistas.

O princípio básico da escrita coreana é o que poderíamos chamar de “montagem silábica”. As letras são literalmente “montadas”, como se fosse um “lego”, dentro de quadrados imaginários – uma sílaba – num sistema tripartite de sons, chamados respectivamente de consoante inicial, vogal e consoante final, como por exemplo, numa sílaba como “pam”. A menor combinação possível é de dois sons, uma consoante e uma vogal, como em “pa”. Assim, para grafar “a” por exemplo, precisaremos de, no mínimo, dois elementos; no caso, uma consoante neutra e a vogal correspondente a “a”.

A montagem das letras dentro de um quadrado imaginário segue uma regra direcional básica: da esquerda para a direita e de cima para baixo. É curioso como o princípio de montagem ideográfica foi transposto para uma montagem fonética: enquanto a montagem ideográfica resulta numa idéia, a fonética redundava numa sílaba. Em outras palavras, o alfabeto é fonético, porém, a escrita é silábica.

Figura 5: exemplo de um texto coreano

The screenshot shows the homepage of 연합뉴스 (Yonhap News) as of February 16, 2005. The main headline reads: "미성년자 5천400만명..여의도21배" (Minority 54 million... 21 times Yeosu). Below the headline, there is a list of news items and a section for "연속특보" (Continuous Special Report) about a meeting between Park Geun-hye and Lee Myung-bak. The right sidebar contains a "포토뉴스" (Photo News) section and a "광고" (Advertisement) for POSCO.

A armadilha do *hangul*

Posto assim, o *hangul* parece ser um sistema original, autêntico e independente, imagem vendida pelo governo coreano no mundo. O marketing deu tão certo que o prêmio da Unesco em prol da erradicação do analfabetismo no mundo chama-se Prêmio Rei Sejong. Qualquer linguísta coreano vangloria-se de possuir um sistema de escrita totalmente próprio, claro, sistemático, fácil de ser aprendido, quase um esperanto da escrita que deu certo.

Porém, a propalada independência tardaria, e muito, a vingar. A polemização não vem de um linguísta mas de um filósofo, Do-or, através de observações espalhadas em sua obra “Orientalismo: o que fazer?”, escrito em 1986. Graduação em filosofia na Coréia, mestrado sobre *Lao-Tsé* na Universidade Nacional de Taiwan, um segundo mestrado sobre neo-confucionismo na Universidade de Tóquio, Japão, e doutorado sobre a hermenêutica do *I Ching* em Harvard credenciam Do-or a transitar livremente pelas três línguas e compará-las

com conhecimento de causa. Embora não seja lingüista, tem como sua maior colaboradora a esposa, uma lingüista sinóloga.

Segundo Do-or, a grande diferença no processo de adaptação do chinês dos japoneses e dos coreanos foi que os primeiros leram os ideogramas pelo significado enquanto que os últimos os leram pelo significante. Exemplificando, o japonês escreve o ideograma 道 (caminho) – lido em chinês como *tao* – e o lê como *mitchi*, que é “caminho” em japonês. Ou seja, vê o ideograma chinês e o lê traduzido. Já o coreano lê o mesmo ideograma como *dô* – adaptação do som *tao* para os padrões sonoros coreanos –, e não como *kil*, que seria “caminho” em coreano. Ou seja, não ocorre o processo de tradução do significado, mas sim uma adaptação do significante. Num exemplo mais próximo, seria a mesma diferença de se ler os ideogramas 周易 como *I Ching* e como “Livro das Mutações”: a primeira leitura é sonora e a segunda, conteudística.

Voltando ao exemplo do “caminho”, os japoneses também podem ler o ideograma como *dô*, –como em *cha-dô*, cerimônia do chá – geralmente em palavras compostas. Assim, os ideogramas acabam por receber pelo menos duas leituras, a leitura pelo significado e pelo significante. Já no coreano, há somente a segunda opção. Para Do-or, ler o ideograma 道 como “caminho” e como “dô” representam duas posturas distintas de assimilar uma escrita. Para ele, os japoneses de fato TRADUZIRAM o chinês, trazendo o ideograma para o território japonês, enquanto que os coreanos optaram por deixá-lo no território do estrangeiro lendo-o pelo significante.

Segundo ele, os japoneses reconheceram logo a diferença e buscaram um meio para resolvê-la, promovendo uma verdadeira mistura do outro e de si e fundando um sistema baseado na adaptação, tradução, assimilação e flexibilidade, que inclusive tinha a vantagem de não romper em definitivo como todo o acervo cultural documentado em ideogramas chineses. A Coréia, além de ter sido um dos últimos países periféricos à China a criar uma escrita própria, e pelo menos 600 anos atrasada em relação aos japoneses, criaram um sistema que, pela falsa idéia da independência, relegou o *hangul* a uma geladeira de quase 500 anos, uma vez que a classe nobre desprezou-o desde o início, passando ele a ganhar território definitivo somente no início do século passado, como uma reação à dominação japonesa. Tal segregação não ocorreu no Japão, sendo os silabários rapidamente difundidos por toda a população. Com isso, o atraso coreano vai para mais de um milênio!

Entre os coreanos, as escritas coreana e a chinesa sempre foram duas coisas distintas, obrigando-se a optar entre um e outro. Assim, a postura da classe dominante foi conservadora e elitista em detrimento da difusão do *hangul*. Segundo Do-or, isso ocorreu porque na Coréia não houve a “tradução” do chinês, como no Japão. Sendo a tradução um movimento pela democratização, popularização e difusão do conhecimento, o resultado foi justamente o oposto da intenção do Rei Sejon⁸ e do que prega a instituição governamental coreana.

A HORA E A VEZ DO *HANGUL*

No entanto, não é de cruxificar a pretensa independência do *hangul* por esse atraso, pois, como veremos, a independência tarda, porém, chega, num processo lento que se encontra ainda em curso.

Como foi dito, os japoneses e os coreanos importaram a escrita chinesa, mas somente a escrita, pois, sendo falantes de línguas não-tonais, tiveram que “adaptar” sons próprios para cada ideograma. Nesse processo, ocorreu um achatamento dos tons, fazendo igualar, digamos, 4 tons diferentes no chinês. A limitação fonética do silabário japonês é maior que a do coreano, fazendo com que um número ainda maior de ideogramas chineses sejam lidos da mesma forma. Haroldo de Campos, grande admirador e conhecedor da literatura japonesa, via nesse fato rica possibilidade para jogos poéticos sonoros. Uma vez que os próprios ideogramas fazem parte orgânica do texto, a questão da homofonia não se torna tão problemática, pelo menos quando acompanhado do texto escrito. Porém, no caso de um texto em coreano, muitas vezes é necessário abrir um parêntese para inserir o ideograma que se quer dizer, já que as palavras homófonas também são homógrafas.

Mesmo quando o *hangul* começou a ser difundido entre a população no início do século 21, a escrita coreana também cumpria uma função semelhante à do *hiragana* até uma boa parte da segunda metade do século, servindo de “liga” numa sentença onde vocábulos grafados em ideogramas chineses eram as peças-chaves lexicais. No entanto, a partir da década de 70, ocorre um gradual abandono dos ideogramas chineses, substituídos aos poucos pelo léxico correspondente na língua nativa coreana. Cabe observar que o léxico nativo coreano é dotado de rica sonoridade, com abundância de palavras

onomatopaicas. Da passagem de uma língua tonal para uma não-tonal, o léxico de origem chinesa perdeu a riqueza sonora em detrimento da orquestração que lhes é própria, e é justamente essa música da fala nativa coreana que vem sendo recuperada nas últimas décadas. Esse processo de substituição ainda está em curso, com novos vocábulos recuperados entrando em circulação a cada dia, numa lenta jornada de conquista da verdadeira independência.

O CASO DA CORÉIA DO NORTE

A Coréia do Norte, por exemplo, optou por priorizar o vocabulário nativo desde a sua fundação há pouco mais de cinquenta anos, como parte do movimento de extrema-direita nacionalista. Muitas palavras utilizadas pelos norte coreanos são estranhos, e, em alguns casos, até motivo de risada por parte dos sul-coreanos, como por exemplo a palavra “sutiã”, que é expresso como “embrulhador de seios”. E as diferenças já estavam ultrapassando os limites do léxico, chegando a afetar a desinência das flexões. Assim, tem ocorrido alguns movimentos no sentido de se padronizar as duas línguas, através de comissões conjuntas.

LÍNGUA-CULTURA

Por fim, vale comentar alguns indicativos culturais que podem ser inferidos dos dois processos de adaptação da escrita chinesa. Enquanto o processo japonês foi de assimilar, adaptar e amalgamar os elementos exógenos com os seus para chegar numa unidade composta, o coreano optou pela invenção de um sistema de escrita totalmente novo. Um episódio da história coreana pode ilustrar esse tipo de atitude: a Dinastia Josen, confucionista, foi instituída em 1392 sobre o reino de Koryo, em que a religião oficial era o budismo. A nova ordem banuiu a religião milenar de forma tão radical que muitos templos foram queimados e obrigados a se refugiarem para as montanhas, e as imagens de buda que permaneceram tiveram as cabeças cortadas e enterradas. Essa radicalidade também se manifestou no final do século 19 quando os navios estrangeiros de diferentes

nacionalidades tentaram se aproximar da costa coreana e eram recebidos a flechadas, fazendo a Coréia merecer o apelido de “país ermitão”.

O segundo traço a notar é a maior propensão dos coreanos para o som, enquanto o sistema japonês mostra uma predileção pelo visual. Essa pode ser uma observação puramente impressionista, mas o *haikai*, o teatro *nô*, e a forma pela qual a escrita chinesa foi adaptada fazem transparecer um mundo silencioso e fortemente visual. O *sijó*, que seria a forma coreana correspondente ao *haikai* japonês era poesia para ser entoada e cantada. Vale também lembrar que o léxico nativo coreano é ricamente onomatopaico, com as onomatopéias classificadas em “onomatopéias de som” e “onomatopéias de forma”, por estranho que isso possa parecer. E foi o gosto pelo som dos coreanos que se traduziu na criação do *hangul*, adaptando o conceito de montagem ideográfica para uma montagem fonética.

Abstract: For long time, Koreans and Japanese had the Chinese ideograms as the only means for documentation, instruction and education. In other words, Koreans and Japanese, speakers of ural-altaic languages, were obliged to write in an sino-tibetan language. To overcome this gap, both developed their own writing systems, where the Chinese ideograms were the starting point. These were really a translation process, which reveal different means to deal with the difference.

Key words: Korean, Japanese, Chinese, translation

